

Chaves, o Chaplin
cucaracha

Thomas Piketty:
“Não discutir impostos
sobre riqueza é
loucura”

O Cruzeiro e o
calendário do futebol

BeCool
Ídalo
do Ano
2014

B

Aline Zattar





RevistaBecool



@becoolmagazine

BeCool



SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES

TWITFEED

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Meghan Trainor

6 | SETLIST

Pra curtir o fim de ano

7 | ROTEIRO SP

Dezembro de 2014

48 | FAZ SENTIDO?

Inimigo secreto

49 | CRÔNICA

Em cima da hora

50 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | CHAVES, O CHAPLIN CUCARACHA

Sua criação fará gargalhar gerações

12 | BECOOL ÍDALO DO ANO 2014

Os vencedores da nossa premiação

20 | ADOPTAR OU NÃO O 50/15/35?

Saiba como organizar melhor os seus gastos

24 | O CRUZEIRO E O CALENDÁRIO DO FUTEBOL

A raposa soube lidar melhor com ele

28 | ENTREVISTA

Thomas Piketty

32 | ENSAIO

Aline Zattar

44 | VOCÊ COMPETE SECRETAMENTE COM SUA PARCEIRA?

Às vezes fazemos isso sem nos dar conta

ENTRE EM CONTATO

Facebook: facebook.com/RevistaBecool

Twitter: @becoolmagazine

E-mail: adngui@gmail.com

Carta aos leitores

TWITFEED



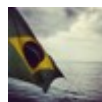
A festa foi bonita. Tirando alguns pequenos contratempos aqui e acolá, o Ídolo do Ano 2014 foi um grande sucesso de público e crítica. Chegamos ao auge de crescimento histórico em nossa página no Facebook graças à premiação e o Twitter também não ficou por menos, crescendo em torno de 20%. Estamos cada vez mais próximos de atingir duas de nossas metas iniciais - 36 edições e mil seguidores no Twitter. E, acima de tudo, o Ídolo do Ano foi tão divertido quanto em 2013, o que já vale o investimento.

Agora, pra fechar o ano de 2014 com chave de ouro e iniciar nossos preparativos para 2015, chegou a hora de fazer nossa edição de dezembro. E nela, temos um especial muito legal sobre a premiação de 1º de dezembro. Vale a pena conferir!

De quebra, nosso presente de natal é um ensaio com Aline Zattar, a Miss Brasil Plus Size. As fotos são maravilhosas e a modelo está linda. Logo na sequência, uma reflexão sobre a competição dentro dos relacionamentos.

Na linha de matérias sérias, temos uma homenagem de Cynara Menezes a Roberto Bolaños, intérprete do Chaves, e uma entrevista com Thomas Piketty, autor de "O Capital no Século XXI". Tem também dicas para economizar usando o 50/15/35, a relação entre o título do Cruzeiro e o calendário do futebol brasileiro, Meghan Trainor em "Mulheres que Amamos", uma setlis pra curtir o fim de ano, o melhor do Twitter, o roteiro dos paulistanos no mês, uma charge e as colunas de Mônica de Souza e Alberto Villas.

Desde já desejamos a você um feliz 2015. A BECOOL 27 está no ar. Enjoy it! E não esqueça de seguir no Twitter e curtir no Facebook!



@bezerra_a: Daí você janta pipoca e a noite termina feliz. E sem dor de cabeça.



@meninanaopode: coisa chata ser adulto, as pessoas te convidam pra beber etc e ninguém convida pra ---
> hoppy hari :(



@FChiorino: Jamais saberei responder se o paulistano tem mais fetiche pela Árvore de Natal do Ibirapuera ou pelo trânsito que se forma ao redor dela



@julianadias0803: Acabei de chamar sem querer o biscoito de bolacha, onde esse mundo vai parar. Acaba 2014.



@Tatawerneck: Só quando vc mora sozinho que percebe o valor do guardanapo



@chupafc: O time tem o Juan como principal homem de criação e quer ficar na Série A.



@estadodecirco: Sonhei que o Palmeiras escapou do rebaixamento vencendo o Atlético por 3 a 0. Mas aí eu acordei =/



@charlesnisz: A arte da treta na era da sua reprodutibilidade twíttica (perdoa, Benjamin?)



Meghan Trainor

A cantora começou a carreira na adolescência, chegando a frequentar escolas de músicas e diversos festivais de música. Ela até conseguiu lançar um álbum independente e escreveu letras para artistas já conhecidos, como Rascal Flatts e a boyband Hot Chelle Rae. Mas só agora, aos 20 anos, que a grande oportunidade dela chegou!

Meghan assinou contrato com uma grande gravadora e viu seu single de estreia, “All About That Bass”, subir rapidamente para o topo das paradas em diversos países. Entre eles estão Estados Unidos, Austrália, Canadá e Nova Zelândia. O mais engraçado foi que a cantora escreveu a canção para outro artista, mas o pessoal gostou mesmo foi na voz de Meghan. Na letra da música, ela canta de forma bem humorada sobre os padrões de beleza impostos pela sociedade e na forma como as revistas abusam do photoshop. O clipe, que já tem mais de 100 milhões de visualizações, é simplesmente incrível e vai fazer você ter vontade de sair dançando pela rua!

Aproveitando o bom momento na carreira, a Meghan acabou de lançar o EP “Title”, composto de quatro canções que misturam pop com uma pegada retrô e valorizam a deliciosa voz de Meghan.

SETLIST

Pra curtir o fim de ano

Acabou o ano, hora de pensar em tudo que fizemos e deixamos de fazer — mais frequentemente no que deixamos de fazer. Mais ainda há festas a se fazer e não há nada melhor do que virar o ano na companhia dos amigos e daquelas músicas que a gente gosta muito. E foi justamente pensando nisso que nós preparamos essa pequena setlist com cinco músicas que devem animar suas festas de final de ano. Bom divertimento!



4. Daft Punk — One More Time

O “Molejo alemão”, segundo Daniel Furlan, deu a deixa que faltava pro final de ano: mais uma vez eu quero celebrar! É nesse espírito que a gente se reúne no final do ano e vai celebrar. Ainda que você seja um desenho...



2. Chubby Checker — Let's Twist Again

E depois de lembrar que o futuro está começando, é hora de dançar de novo. E dançar twist pode ser muito bom nesse momento. A música de Chubby Checker é perfeita para o momento de descontração da sua festa. E seja sincero: dançar como nos tempos antigos faz muito bem.

1. Silvio Santos — A Pipa do Vovô

Vamos combinar: o ano no Brasil só começa depois do Carnaval. E depois do Carnaval não tem ninguém aí com ano que passou, promessa, presente, etc. Por isso mesmo que, pra fechar o ano de fato, nada melhor do que uma marchinha do velho Silvio. Marchinha essa que leva o nosso primeiro lugar.



5. Claudia Leitte — Extravasa

Festa de fim de ano é momento de extravasar. Afinal, é tempo de férias, curtidão, diversão e ficar com os amigos. Por isso mesmo é sempre bom não deixar de ouvir o conselho de Claudia Leitte, que extravasa na nossa quinta posição.



3. Lulu Santos — Como Uma Onda

Nada do que foi será igual de novo do jeito que já foi um dia... Não há música melhor pro ano novo do que aquela que fala do futuro. E o futuro começa agora! Com Lulu Santos tocando uma das músicas mais conhecidas da nossa história. Medalha de bronze pra ele.

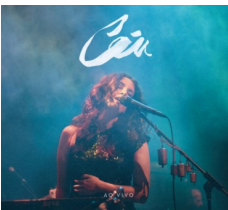


ROTEIRO SP



Filme: O Hobbit 3: A Batalha dos Cinco Exércitos

Após ser expulso da montanha de Erebor, o dragão Smaug ataca com fúria a cidade dos homens que fica próxima ao local. Após muita destruição, Bard (Luke Evans) consegue derrotá-lo. Não demora muito para que a queda de Smaug se espalhe, atraindo os mais variados interessados nas riquezas que existem dentro de Erebor. Entretanto, Thorin (Richard Armitage) está disposto a tudo para impedir a entrada de elfos, anões e orcs, ainda mais por ser tomado por uma obsessão crescente pela riqueza à sua volta. Paralelamente a estes eventos, Bilbo Bolseiro (Martin Freeman) e Gandalf (Ian McKellen) tentam impedir a guerra.



CD: Céu (Ao Vivo)

(Som Livre, R\$ 25) Céu lança o 4º CD e 1º DVD da carreira, "Céu – Ao Vivo". A cantora traz toda sua musicalidade em um show inesquecível, gravado em São Paulo. A artista incorpora diferentes estilos musicais em suas canções, criando uma sonoridade própria, com referências que vão desde o Reggae, Samba e MPB até o Jazz. Nesse novo projeto, com 15 faixas no CD, Céu faz um apanhado das melhores músicas da carreira. Dentre elas, grandes sucessos como "Cangote", "Baile da Ilusão", "Malemolência", "Lenda", "Chegar em Mim" e "Concrete Jungle" (versão da imortalizada canção de Bob Marley).



Balada: Balacobaco Butiquim & Club

O bar, localizado no Tatuapé, abriga dois andares e conta com shows de pagode e samba ao vivo. R. Coelho Lisboa, 500 - Cidade Mãe do Céu - Leste. Telefone: 4119-8688. Couvert artístico: R\$ 5 a R\$ 20.

O IRMÃO ALEMÃO

CHICO BUARQUE


Livro: O Irmão Alemão

(Companhia das Letras, 200 páginas, R\$ 40) 'O Irmão Alemão' é o novo livro de Chico Buarque. O autor já publicou os romances 'Estorvo', 'Benjamim', 'Budapeste' e 'Leite Derramado' que lhe renderam três prêmios Jabuti e venderam quase um milhão de exemplares, ficando por meses nas listas de livros mais vendidos do país. Ele também é autor de peças como Roda Viva e Ópera do Malandro. Um romance em busca da verdade e dos afetos.



Show: Carolina Soares

No show, a cantora interpreta um repertório variado de grandes clássicos do samba, ritmos brasileiros e composições próprias, como "As Vezes Me Chamam de Negro", "Na Aruanda", "O Bom Capoeira", entre outras. Toda sexta, 23h, no Bar Brahma Centro. Avenida São João, 677, No cruzamento com a Av. Ipiranga - Centro. Homem: R\$ 35. Mulher: R\$ 30.



CHAVES, O CHAPLIN CUCARACHA

Sua criação é um clássico e ainda fará gargalhar gerações.

Por CYNARA MENEZES

8 revistabecool.blogspot.com



Assisti Chaves pela primeira vez na adolescência, com meus irmãos mais novos (e minha mãe também sempre foi fã). Voltei a assisti-lo quando tive meu filho mais velho, aos 20 e poucos anos. E, mais uma vez, quando nasceu o caçula, seis anos atrás. Que belas desculpas tive para ver o Chaves e o Chapolin... Até hoje me faz dar boas risadas diante da TV, mesmo sozinha.

Os personagens criados por Roberto Bolaños (1929-2014) são, ao mesmo tempo, inteligentes e hilários. Engana-se quem vê o humor de Chaves como raso. Ao contrário, o texto é muito interessante e cheio de picardia. Quem se dedicasse a analisar sociologicamente a turma do Chaves e a compará-lo à sociedade capitalista ia encontrar um prato cheio: o miserável (Chaves), a burguesa (Dona Florinda/Florinda Meza), o explorador (seu Barriga/Edgar Vivar), o desempregado (seu Madruga/Ramon Valdés)... O romance do professor Girafales (Rubén Aguirre) com dona Florinda ironiza as melodramáticas novelas mexicanas.



Como o vagabundo de Chaplin, Chaves é um excluído. Seu nome original, Chavo del Ocho, quer dizer que ele é o menino que mora no número 8 da vila, ou seja, num barril –assim como dona Clotilde (Angelines Fernandes) é a “bruxa do 71”. Chaves encanta seus fãs pela imensa ternura misturada com a graça de fazer as coisas errado “sem querer querendo”, exatamente como o vagabundo de Chaplin fazia. É adorável e engraçado, mas tem uma tristeza implícita no olhar, como se fosse a versão criança e “cucaracha” do vagabundo chapliniano. Até chapéu usa.

Seu outro personagem famoso, o Chapolin Colorado, é um herói perdedor. O anti-herói americano. Já imaginaram um super-homem fracote? Um Batman desastrado? Um Homem-Aranha falível? Chapolin é assim. (Seria Chapolin um trocadilho/homenagem a Chaplin? Só muda uma letra...)

Em um dos meus episódios favoritos, Chapolin aparece na vila onde vive a turma do Chaves e os dois personagens interpretados por Bolaños contracenam. O final é emocionante: Chaves pega uma “pílula de polegarina” de Chapolin que o faz diminuir de tamanho e, com biscoitos gigantes na mão, diz que é a maior refeição que já teve na vida... Lágrimas e risos.

Outro episódio inesquecível é uma das reconstituições históricas hilárias feitas por Bolaños e seus atores na parte teatral dos

episódios. É aquela cena bíblica do rei Salomão com as duas mães e o bebê que disputam. Bolaños é o rei Salomão e Chiquinha (Maria Antonieta de las Nieves) faz a rainha de Sabá. Ao dizer que vai cortar a criança em duas e dar cada uma das metades para uma das mulheres, o rei/Chaves ouve da rainha/Chiquinha: “Comunismo!!!!”

Em minhas viagens pela América Latina, por onde andei conheci fãs de Chaves e sua turma, sempre relembrando o bordão de Quico (Carlos Villagrán): “Chusma! Chusma! Chusma!” (gentalha! gentalha! gentalha!). Todos mostravam simpatia e carinho pelo personagem, que só chegou ao Brasil em 1984, mas que tinha sido criado no México em 1971 e circulava pelos demais países da América Latina desde então. Ou seja, quem tem entre 0 e 55 anos de idade no continente vê ou viu o Chaves. Mas o personagem tem fãs de todas as idades, como minha mãe ou o poeta Manoel de Barros. Basta assistir.

Situo Bolaños/Chaves entre os grandes da comédia universal, ao lado não só de Chaplin como do conterrâneo Cantinflas, de Buster Keaton ou de Jerry Lewis. Todos eles carregam em si esse clown ingênuo, desajeitado e hilariante que Roberto Bolaños imortalizou no mexicano Chaves. Adeus, Bolaños. Sua criação é um clássico e ainda fará gargalhar gerações. ■

Os personagens criados por Bolaños são, ao mesmo tempo, inteligentes e hilários.



BeCool Ídalo do Ano 2014

A festa foi bonita por uma série de razões: foi a primeira edição do Ídalo do Ano que contou com votação popular; o envolvimento do público foi muito bom, repetindo os bons resultados da edição anterior; a disputa foi boa e os vencedores mereceram seus prêmios; a repercussão foi bastante positiva, com pequenas exceções; a premiação fez o nosso Twitter crescer 20% e o nosso perfil no Facebook crescer cerca de 80%; e, acima de tudo, foi uma premiação muito divertida para quem fez e para quem acompanhou.

Pra quem perdeu a premiação na íntegra, a lista de vencedores está disponível no facebook.com/RevistaBecool e no blog da revista. E pra quem acompanhou ou não a premiação ao vivo, dedicamos este especial com os vencedores da segunda edição dos prêmios BECOOL Ídalo do Ano.



Ídalo do Ano: Madrasta do Texto Ruim

Uma das maiores fontes de polêmica interna na redação não veio de nenhum tema da atualidade, de algum ataque feito por um blogueiro ou de algum resultado de futebol; veio justamente de uma questão gramatical — o “mim fazer” poderia estar certo ou era certamente errado? Quem levantou a polêmica foi uma tal de Letícia, mais conhecida como Madrasta do texto Ruim, cujo blog se dedica justamente a encontrar e corrigir textos ruins na mídia. A bruxinha mais querida das nossas redes sociais foi a única a ter coragem de mobilizar as pessoas durante o período de votação e teve finalmente seu merecido prêmio. Meio irônica, meio ativista, sempre atualizada. Não mexa com ela ou ela te jura hemorroidas.



Escolha do Editor: Aranha

Não se intimidar com o racismo de uma torcida inteira ainda é uma atitude corajosa e Aranha teve essa coragem. Sua razão foi uma vitória da coerência e da consciência. Ou, nas palavras de nosso editor Gui Adn: "Dentro das indicações desta edição do Ídalo do Ano, fico com aquela que me ganhou pela coerência num meio dominado cada vez mais pela loucura e insensatez. Aranha, goleiro do Santos, enfrentou o racismo de forma corajosa - sem o marketing maluco do 'somos todos macacos' - e deixou claro que as coisas mudarão não com conformismo, mas com ativismo, discussão e até indignação". Dizendo sim à liberdade e não ao racismo, parabenizamos o grande goleiro pela merecida escolha.



Gata do Ano: Fernanda Lima

O tempo não tem sido um inimigo de sua beleza e Fernanda continua divan- do aos 37 anos. É claro que uma pes- soa que é linda com 20 continua linda com 50, mas no caso de Fernanda a beleza não só existe como chama aten- ção. Seja no sorteio da Copa, seja no “Amor & Sexo” da Globo, ela arrasa. Basta dar uma olhadinha nela pra pensar: “ei, você, fica comigo?”

Personalidade Televisiva do Ano: Fernanda Lima

Fernanda é uma excelente apresenta- dora desde os tempos da velha MTV, mas foi no comando do “Amor & Sexo” que o Brasil descobriu seu imenso talento como comunicadora. Além de ter um ótimo timing para comandar um programa sem enrolação, ela aju- da a tornar o programa mais divertido, leve e espontâneo. Ela é a prova de que talentos podem estar em qual- quer lugar.

Artista do Ano: Fernanda Lima

E é claro que ela não deixar de levar a tríplice coroa, que veio com um importantíssimo prê- mio de Artista do Ano. Muita gente tem talento, mas demonstrar talento da forma como ela demonstra é muito difícil. Fernanda é uma excelente apresentadora, uma ótima atriz, uma bela mulher e um dos grandes nomes da década. E também foi ela o grande nome da noite do Ídolo do Ano 2014, ganhando três merecidíssimos prêmios.

O Mais Estiloso: Pharrell Williams

Pharrell tem um estilo bastante característico que funciona muito bem, combinando roupas de grife e um chapéu fedora (que, em partes, graças ao próprio está na moda). A combinação lhe cai bem e lhe é bastante própria.

Por tudo isso, é o nosso homem mais estiloso de 2014.





Ator do Ano: Alexandre Nero

O milionário José Alfredo de “Império” sempre foi um bom ator, mas só agora vem o reconhecimento — que, segundo o próprio, não o impede de valorizar mais a cerveja com os amigos do que o dinheiro. Ser um grande ator na Globo é uma tarefa difícil, mas Nero não apenas cumpriu bem esse papel como conseguiu ser o grande destaque do ano não só no Ídolo do Ano, mas em diversas outras premiações. Era óbvio que ia acabar ganhando mais este prêmio também.



Músico do Ano: Projota

“Foco, Força e Fé” é, além de um nome de álbum e música do rapper, uma espécie de lema que ele leva pra sua vida, passando também para seus fãs. José Tiago Sabino Pereira, nome verdadeiro de Projota, é fruto de uma nova geração do rap que tem revolucionado a música brasileira como um todo. Com vários fãs nas redes sociais, Projota levou sua influência para o rádio, garantindo o sucesso e este merecido prêmio.

Humorista do Ano: Tatá Werneck

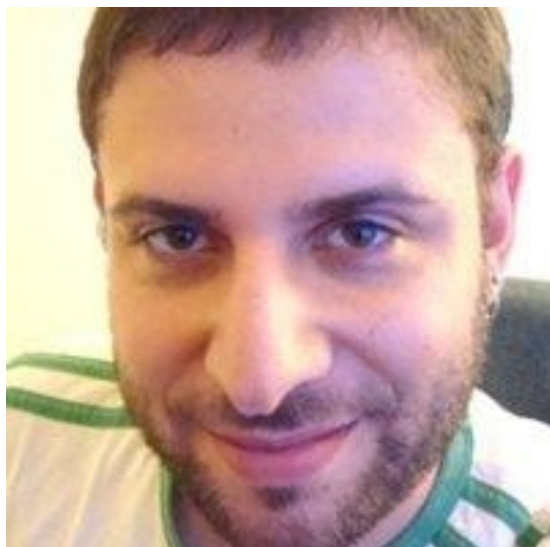
Ela poderia ter ganhado este prêmio em 2010, quando estreou na MTV, em 2011 ou até em 2012, quando foi destaque na programação da emissora. Levou o prêmio agora não só pelo já sabido talento, mas por dar o ar da graça agora no Multishow, onde muita gente fracassou e ela, gênica, continua ali, engraçada como sempre no comando do “Tudo Pela Audiência”.





Escritora do Ano: Esther Solano

Co-autora do livro “Mascarados”, sobre a tática black bloc, fez um incrível trabalho de pesquisa para conhecer de dentro esse universo tão ignorado que entrou na pauta com os protestos de junho e ficou totalmente esquecido depois deles. Sem julgar ou tirar conclusões precipitados ou ideológicas, o livro joga uma luz para quem busca entender melhor esse universo. E é pelo ótimo trabalho em fazer esse livro que Esther levou o prêmio de Escritora do Ano.



Blogueiro do Ano: Rodrigo Borges

O palmeirense Rodrigo Borges não viu o time do coração ser campeão de nada (nosso editor corintiano não se importa), mas como um dos donos do blog Esport Fino, hospedado no site da “CartaCapital”, foi muito bem sucedido. No ano em que o blog Impedimento faliu, mesmo com a euforia da Copa, o Esporte Fino, sempre com os magistrais textos de Borges, foi um grande destaque na cobertura crítica do evento, especialmente após o vergonhoso 7 x 1. Quem sabe o Palmeiras não contabiliza este prêmio como um título em seu centenário?

Ícone do Ano: Taylor Swift

E finalmente Taylor se assumiu como cantora pop. Chega de contradições, da artista pop que ganhava prêmios de country, da menina triste que falava dos ex-namorados. A Taylor pop chegou de vez — e foi ela que, finalmente, conseguiu transformar um imenso talento em imenso sucesso. Seu novo álbum, “1989”, bateu inúmeros recordes, inclusive no iTunes. Com uma pegada mais dançante — e totalmente pop — a nova Taylor tem tudo para ser o que a revista “New York” disse que ela seria: a artista nº 1 do pop mundial.

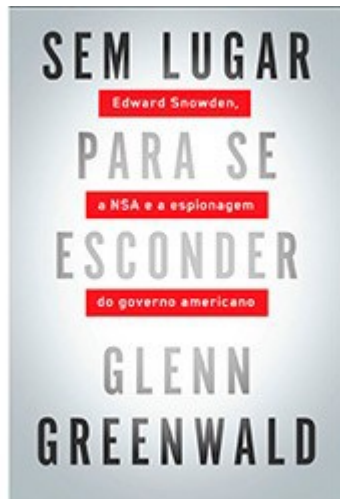


Prêmios

ROTEIRO SP



Filme do Ano: Vizinhos



Livro do Ano: Sem Lugar para Se Esconder



CD do Ano: Bossa Negra



Revelação: Iggy Azalea

Quando Amethyst Amelia Kelly virou Iggy Azalea, já havia imaginado que faria um grande sucesso. Mas seu grande sucesso virou sucesso astronômico assim que “Fancy”, feita em parceria com Charli XCX, chegou pela primeira vez ao topo das paradas. Com uma insústria fonográfica que lança cada vez menos novidades, Iggy virou um opção pra quem queria música boa e, diríamos até, inovadora. Em 2014 ela foi a revelação. Pra 2015, quem sabe o que lhe aguarda...

+ vencedores

Zueira praça é nossa do ano: MTV Brasil
Miguxas do ano: @GabiElton e @Milla_JBDL
Miss simpatia do Ídolo do Ano: Cynara Menezes
Honoris fofis do ano: Jornalismo Wando
Artista histórica da geração: Beyoncé
Apresentador de live do ano: Lino Bocchini
Rainha do camarote do ano: Ticiane Villas Boas
Leitura confusa do ano: @aleportoblog
Daria um filme no ano: Batman do Leblon
Festa Junina do ano: EMEF Miley Cyrus
Meme do ano: Lukas Podolski brasileiro
Manchete (?) do ano: "Estagiário de advogado diz que ativista afirmou que homem que acendeu rojão era ligado ao deputado Marcelo Freixo".
Censores do ano: Issuu
Troféu Mari Graciolli: @GabiElton
Fã do ano: @Milla_JBDL
Escritor que vez por outra faz twitcam no ano: Frederico Elboni
Vítima da Internet no ano: Editora Abril
Twiteira feminista do ano: Menina não pode
Divulgador do ano: @LCMarinho
Gerador de falências no ano: O Último Programa do Mundo
Canal de Internet do ano: Quase
Acontecimento do ano: 7x1
Choro do ano: os da seleção brasileira
Melhor comentarista da Copa: Paulo Calçade
Melhor narrador da Copa: Paulo Bonfá
Comentarista diplomado do ano: Cerginho da Pereira Nunes
Pequeno deslize do ano: a entrevista do Conti com o sócia do Felipão.
Cone do ano: Fred
Perfil que mais mudou de nome no ano: @charlesniz

Adotar ou não o 50/15/35?

Esta é uma das fórmulas preferidas dos especialistas em finanças; saiba como botá-la em prática para organizar melhor seus gastos.

Por DANIEL GUALBINO



O

dia 5º do mês deveria ser um momento de alegria para todos. Afinal, é quando o nosso querido salário entra na conta.

Mas às vezes, ao abrir o holerite, a sensação que temos é a contrária: de frio na barriga. Um verdadeiro pesadelo, porque você descobre que tem mais contas para pagar do que dinheiro em conta.

Como garantir que você não passe por essa situação?





Existem milhares de métodos para organizar as finanças, mas o que mais me chamou a atenção foi a regra dos 50/15/35.

De forma muito simples, ela prega que para ter mais controle financeiro, você deve dividir seu dinheiro da seguinte maneira:

- 50% em gastos essenciais (moradia, transporte, educação, saúde, alimentação)
- 15% em economia (previdência, poupança, investimentos)
- 35% em estilo de vida (academia, bares, roupas, comer fora)

Ao escrever isso, tudo parece muito fácil e belo. Mas para que o plano dê certo, temos que aprender a gastar com moderação, o que não é tão simples.

A cabeça do ser humano está acostumada a pensar no curto prazo. Quando passamos 6 meses e não vemos uma melhora expressiva no dinheiro que estamos guardando, é comum colocar tudo a perder no shopping ou na balada.

Aqui o plano é dar continuidade. Você não pode ter pressa, deve criar um costume.

Nos meus planos estratégicos, acredito que 15% para guardar ainda é pouco, mas isso não é o mais importante. Que seja 5% apenas, não faz problema. O negócio é aprender a dar continuidade ao processo.

A CULTURA DE GASTAR MUITO

Quando você começa a ver sua poupança engordar, percebe

que aquela camiseta na vitrine do shopping não é tão essencial para a sua vida.

Vivemos numa cultura em que gastar é mais importante que se planejar, sendo que deveria ser ao contrário.

Pergunte-se sempre: “Eu realmente preciso disso?” Muitas vezes a resposta é não.

É importante ter um plano futuro, como comprar uma casa, um carro ou abrir seu negócio próprio. Melhor ainda se conseguirmos evitar os juros altos e parcelamentos longos.

Para ter controle financeiro, a grande regra é esta: basta começar.

Ninguém precisa ficar rico fazendo isso, mas acredito que todos nós devemos estar preparados para os acontecimentos futuros, pois ninguém sabe o que o tempo nos reserva. ■



Para que o plano dê certo,
temos que gastar com moderação.



O CRUZEIRO E O CALENDÁRIO DO FUTEBOL

O Cruzeiro é bicampeão nacional pois foi o clube que melhor soube lidar com o absurdo calendário do futebol brasileiro.

Por JOSÉ ANTÔNIO LIMA





Há algo de errado com o futebol quando o técnico que acaba de conquistar o título nacional mais importante da temporada usa o momento da comemoração para fazer críticas à organização do esporte. O desabafo de Marcelo Oliveira, bicampeão brasileiro com o Cruzeiro, na noite de domingo, é, assim, mais um importante alerta para a nação do 7 a 1.



Confirmada a conquista celeste, com uma vitória por 2 a 1 sobre o Goiás, Oliveira saudou seus jogadores, a diretoria do clube mineiro e, depois, desancou o calendário do futebol brasileiro. Para o treinador, a tabela à qual são submetidos os clubes é “absurda e desumana”. Os números comprovam que ele está correto. Enquanto na Europa uma pré-temporada gira em torno de 30 a 50 dias, no Brasil não chega a 20. Não há tempo para preparar fisicamente um elenco, que chega ao auge por um breve período e logo em seguida decai por ser obrigado a jogar quarta e domingo por várias semanas consecutivas.

A crítica após o título chama atenção pois indica o grau de importância do problema na percepção de Oliveira. No início de outubro, ele já havia dito que todos os times brasileiros, inclusive o Cruzeiro, eram mal treinados, por falta de tempo para a comissão técnica. Oliveira voltou à carga após a derrota por 2 a 0 para o Atlético-MG, na partida de ida da final da Copa do Brasil. Foi chamado de mau perdedor. A reclamação deste domingo, após o título, mostra a seriedade da situação.

O Cruzeiro foi bicampeão brasileiro e chegou à final da Copa do Brasil após esgarçar ao máximo seu elenco. Disputando os dois títulos, não teve o luxo de poupar vários jogadores ao mesmo tempo e, como outros times do topo da tabela, perdeu atletas para a seleção brasileira no meio dos torneios. O título, como escreveu o colega Bruno Winckler, se deve ao bom trabalho feito,

que seguiu a cartilha do “planejamento”, mote de 11 dos 12 últimos campeões nacionais.

Aliado à crônica incompetência dos cartolas, o calendário pode ser uma explicação para o fato de vários dos campeonatos nacionais recentes não serem tão disputados na parte final. Quantos clubes conseguem, ao mesmo tempo, montar elencos que sejam competitivos em mais de um torneio durante todo o ano?

No início de fevereiro, recomeçam os estaduais, culpados maiores pela tabela desumana. No Rio de Janeiro e em São Paulo, as federações criaram regras para impedir que os clubes atuem com reservas, uma gambiarra que vem sendo feita para aumentar a pré-temporada. A ação das federações locais é a reação de um formato que expirou, mas busca continuar existindo, custe o que custar.

Houvesse o mínimo de interesse por parte de clubes, da CBF e da Globo, o calendário abrigaria todas as competições, os direitos de transmissão não atropelariam o bom senso e os jogadores, talvez pelo Bom Senso F.C., seriam ouvidos. O calendário serviria, assim, como alavanca para melhorar os clubes. Em vez disso, a cada ano o futebol brasileiro morre mais um pouco, até o próximo 7 a 1. ■

Quanto clubes conseguem montar elencos
que sejam competitivos em mais de um torneio?



ENTREVISTA



‘Não discutir impostos sobre riqueza é loucura’

O economista francês Thomas Piketty defende o aumento dos tributos sobre heranças e fortunas e afirma que a fatia de riqueza dos 10% mais ricos está sendo subestimada.

Por MIGUEL MARTINS

No Brasil, a simples menção a um aumento nos impostos é garantia de turbulência para o governo. No caso do tributo sobre grandes fortunas, previsto na Constituição Federal e jamais aplicado, o tema só foi lembrado nas eleições deste ano por partidos de esquerda como PSOL e PSTU. Durante a campanha, Dilma Rousseff nem ousou pisar no terreno espinhoso. Nos países desenvolvidos, cujas fortunas chegam a superar em seis vezes a renda nacional, a criação de taxas para limitar os ganhos de capital já começou. Em 2012, a França aprovou uma alíquota de 75% sobre as maiores riquezas do país.

Não à toa, trata-se da terra natal de Thomas Piketty, economista alçado ao status de celebridade após entrar para a lista dos autores mais vendidos do New York Times por seu livro *O Capital No Século XXI*, lançado no Brasil pela editora Intrínseca. O sucesso explica-se não apenas pela densidade de sua base de dados, responsável por atestar o grande aumento da desigualdade de renda nos países ricos do Ocidente a partir da década de 1970. O livro inspira-se na tradição historiográfica francesa ao enxergar política, economia e cultura como dimensões integradas, e as relaciona com notável erudição. Por esse motivo, Piketty se vê mais como um cientista social e menos como um economista.

De passagem pelo Brasil, o pesquisador concedeu uma entrevista a CartaCapital. Simpático, fez questão de reiterar inúmeras vezes a necessidade dos países adotarem impostos mais onerosos às grandes fortunas para impedir a acumulação crescente dos 10% mais ricos no planeta. "A limitação da concentração é a saída para fazer da propriedade privada algo temporário", diz. "É como dizer: 'Você é o dono, mas não para sempre. Se você continuar investindo e trabalhando, poderá manter essa propriedade. Se mantiver seu capital parado, iremos distribuí-lo.'"

Afinado com a realidade política e econômica brasileira, Piketty defende o aumento de impostos sobre as heranças no País, até 10 vezes inferiores aos da Alemanha e dos Estados Unidos, e critica o grande volume de tributos indiretos, a alta taxa de juros e a falta de transparência nos dados da Receita Federal para grandes fortunas. Sobre programas como o Bolsa-Família, defende sua importância na redução da pobreza, mas considera ainda mais relevante a política de valorização do salário mínimo. A dificuldade em debater o aumento dos impostos sobre riqueza e patrimônio no país o surpreende. "Não discuti-los no Brasil é uma loucura. Todos os países têm impostos sobre herança muito superiores ao brasileiro. Você não precisa ser de esquerda para defender essa medida. Por acaso Angela Merkel ou David Cameron são de esquerda?"

Professor, um dos aspectos mais interessantes de seu livro é o diálogo apresentado entre a economia e as outras humanidades, em especial a história. Há uma forte base da história social de Fernand Braudel e Geroges Duby em seu trabalho. Trata-se de uma abordagem rara atualmente. Por que é tão difícil encontrar estudos econômicos interdisciplinares no contexto atual?

Thomas Piketty: Eu estou muito feliz que você diga isso, pois eu gostaria que meu trabalho se situasse na tradição de Braudel e outros historiadores franceses. Em 1995, deixei o MIT, nos Estados Unidos, para retornar à França, e fui para a École de Hautes Etudes en Ciencias Sociales, onde Braudel era o presidente, havia grandes historiadores, sociólogos como Pierre Bourdieu. Mas também fui influenciado por economistas anglo-saxônicos como Simon Kuznets, que foi um dos pioneiros na coleta de dados sobre distribuição. Eu tento combinar essas duas tradições. As fronteiras entre economia, história e sociologia são tênues demais. A divisão é bem menos clara do que os economistas imaginar ser. Me vejo mais como um cientista social.

Seu livro mostra como as duas guerras mundiais e suas consequências econômicas proporcionaram uma forte distribuição de renda. Todavia, em momentos de maior harmonia comercial e econômica entre as potências, como ocorreu na Belle Époque do fim do Século XIX e está ocorrendo atualmente, a riqueza acumulada pode superar e muito a renda nacional. Karl Marx não estava certo sobre o acúmulo infinito de capital ao menos em momentos de paz?

Acho que ele estava um pouco certo, mas também errado em alguns pontos. No tempo em que ele escreveu, havia uma grande acumulação de capital e toda a nossa base de dados indica uma longa estagnação dos salários no Reino Unido e na França, entre 1800 e 1870, mesmo com a revolução industrial. Por isso, foi uma observação tão forte. Mas vejo erros em alguns pontos. A sua primeira limitação é o que ocorreria após a abolição da propriedade privada. Os países que o fizeram não foram capazes de organizar a sociedade e o Estado, foi um grande desastre. É fácil perceber o tamanho da acumulação de capital excessiva, mas é difícil pensar nas boas e democráticas soluções para limitar o poder do capital, entre elas o estabelecimento de impostos progressivos.

Não é por conta do desastre das experiências socialistas que precisamos parar de pensar nisso. A limitação da concentração da riqueza é uma saída para fazer da propriedade privada algo temporário. É como dizer "você é o dono, mas não para sempre. Os impostos vão tirar parte de sua propriedade ao longo do caminho. Se continuar a investir e trabalhar, poderá manter essa propriedade, mas se mantiver seu capital parado, iremos distribuí-lo".

No Brasil, a discussão do imposto sobre grandes fortunas é vista por muitos como uma agenda radical da esquerda. Na campanha eleitoral, Um dos únicos partidos a tocar abertamente no assunto foi o PSOL, cuja representação no Congresso é tímida. O senhor considera a proposta de esquerda?

O Brasil poderia ter um sistema de imposto mais progressivo. O sistema é bastante regressivo, com altas taxas sobre o consumo para amplos setores da sociedade, enquanto os impostos diretos

são relativamente pequenos. As taxas para as maiores rendas é de pouco mais de 30%, é tímido para os padrões internacionais. Países capitalistas taxam as principais rendas em 50% ou mais. Os impostos sobre herança e transmissão de capital são extremamente reduzidos, apenas 4%. Nos Estados Unidos é 40%, na Alemanha é 40%. Não discutir a cobrança de impostos sobre a riqueza no Bra-

sil é uma loucura. É tudo muito ideológico. Todos os países têm imposto sobre herança muito superiores ao brasileiro. Você não precisa ser de esquerda para defender essa medida. Por acaso Angela Merkel ou David Cameron são de esquerda?

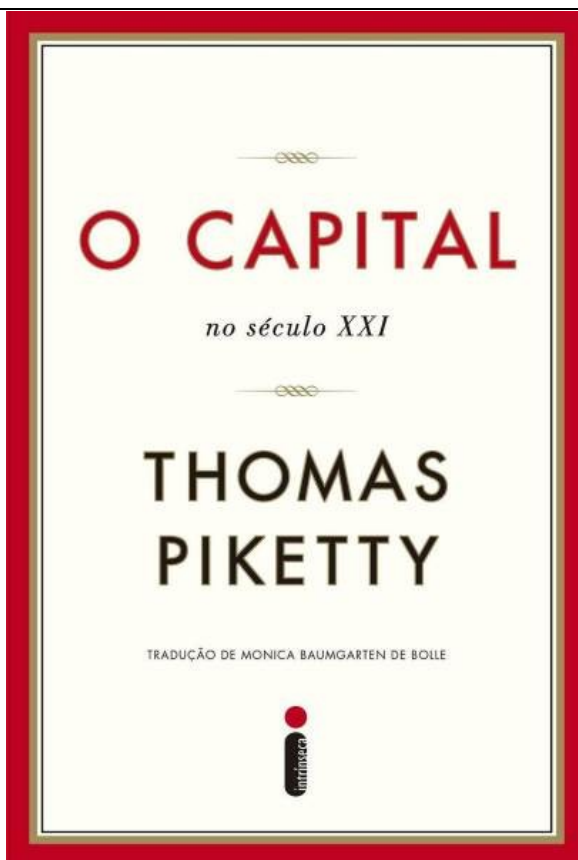
O Brasil precisa de um sistema mais progressivo de impostos. Deveria haver uma redução de impostos indiretos. O PT poderia ir nessa direção, é uma forma de ter um sistema mais transparente e trazer mais confiança para o governo. Eu entendo que o PT está buscando um novo projeto para este mandato. Uma grande reforma tributária seria importante.

O caso francês é uma referência?

O imposto sobre a fortuna é uma evolução importante. O problema na França e na Europa é que só agora estamos mudando para um transmissão automática de informação entre os países sobre ativos financeiros transnacionais. Até agora, se você tinha uma conta bancária na Suíça, a receita francesa não possuía a informação. É muito difícil controlar a cobrança de impostos em um continente com tamanha integração econômica e fluxos livres de capital. É necessário mais cooperação, e acho que vamos seguir nesta direção.

No debate da USP, na quarta 26, o senhor discutiu suas ideias com André Lara Resende, ex-presidente do BNDES no governo Fernando Henrique Cardoso, e Paulo Guedes, um dos fundadores do instituto Millenium, dois economistas de posição neoliberal e contra impostos sobre a riqueza. É um tipo de reação comum que o senhor tem testemunhado?

Sempre há grupos de pessoas com diferentes reações. Muitas





Embora não seja tanto o foco da sua pesquisa, como o senhor vê os programas de transferência de renda no Brasil como o Bolsa Família?

Olho bastante para base a pirâmide. Me preocupa muito no livro com os 50% mais pobres. O Bolsa Família tem sido um imenso sucesso, o que contribui para a redução da extrema pobreza e o aumento da renda dos mais pobres. A parte dos impostos tem peso em meu livro, mas a transferência também. No caso brasileiro, mais importante ainda é a política de valorização do salário mínimo. Isso foi muito positivo. Quaisquer que sejam os dados, a diminuição da miséria no Brasil é um fato, pelas políticas introduzidas pelo PT. Mas é possível ainda que os 10% mais ricos tenham amplia-

do sua distância. Pode ser ter ao mesmo tempo uma diminuição da pobreza e um aumento da desigualdade. É um erro imaginar que o Brasil já fez o suficiente em termos de redução da pobreza.

As pessoas no Ocidente querem adiar o imposto sobre a riqueza. Eu entendo que os dois economistas com quem debati são também homens de negócios, talvez não economistas bilionários, mas eles querem adiar o máximo possível. Eles são a favor de um aumento dos impostos sobre herança, o que já é algo. O que me surpreende é ter conhecido muita gente a favor do imposto sobre herança, mas não ver ações concretas neste sentido.

O senhor também comentou no debate sobre suas dificuldades em acessar os dados anuais consolidados da Receita Federal no Brasil, principal fonte de sua pesquisa em 20 países. Quais são os maiores entraves?

Quando há apenas o sistema de pesquisas domiciliares para se medir a distribuição de renda, você tende a subestimar a desigualdade. Os 10% mais ricos em particular não são bem registrados em pesquisas com famílias. Na maior parte dos países, quando há imposto de renda, os governos publicam balanços anuais detalhados. No Brasil, o governo não está publicando estas informações de forma transparente. Fomos capazes de encontrar os balanços de imposto de renda entre 1963 e 1999. A partir desse ano a base parece ter desaparecido. Recentemente, algum acesso foi dado a um grupo de economistas brasileiros, do professor Marcelo Medeiros, da UnB, relativo ao período de 2006 a 2012. O fim da publicação da base de dados em papel pode ter contribuído para isso. Muitas vezes há mais restrição para acessar os dados informatizados.

Em termos gerais, há uma falta de transparência na base de dados do imposto de renda no Brasil. As conclusões preliminares de Medeiros mostram um nível de desigualdade bem maior do que aquele aferido pelas pesquisas domiciliares. Ao tomar como referência os dados da receita entre 2006 e 2012, houve inclusive um aumento na concentração dos 10% mais ricos, que saltou de 50% para 55% da renda total.

O Brasil tem uma taxa de juros alta, superior a 11%. Quais os riscos desse alto patamar para o futuro da distribuição de riqueza no País?

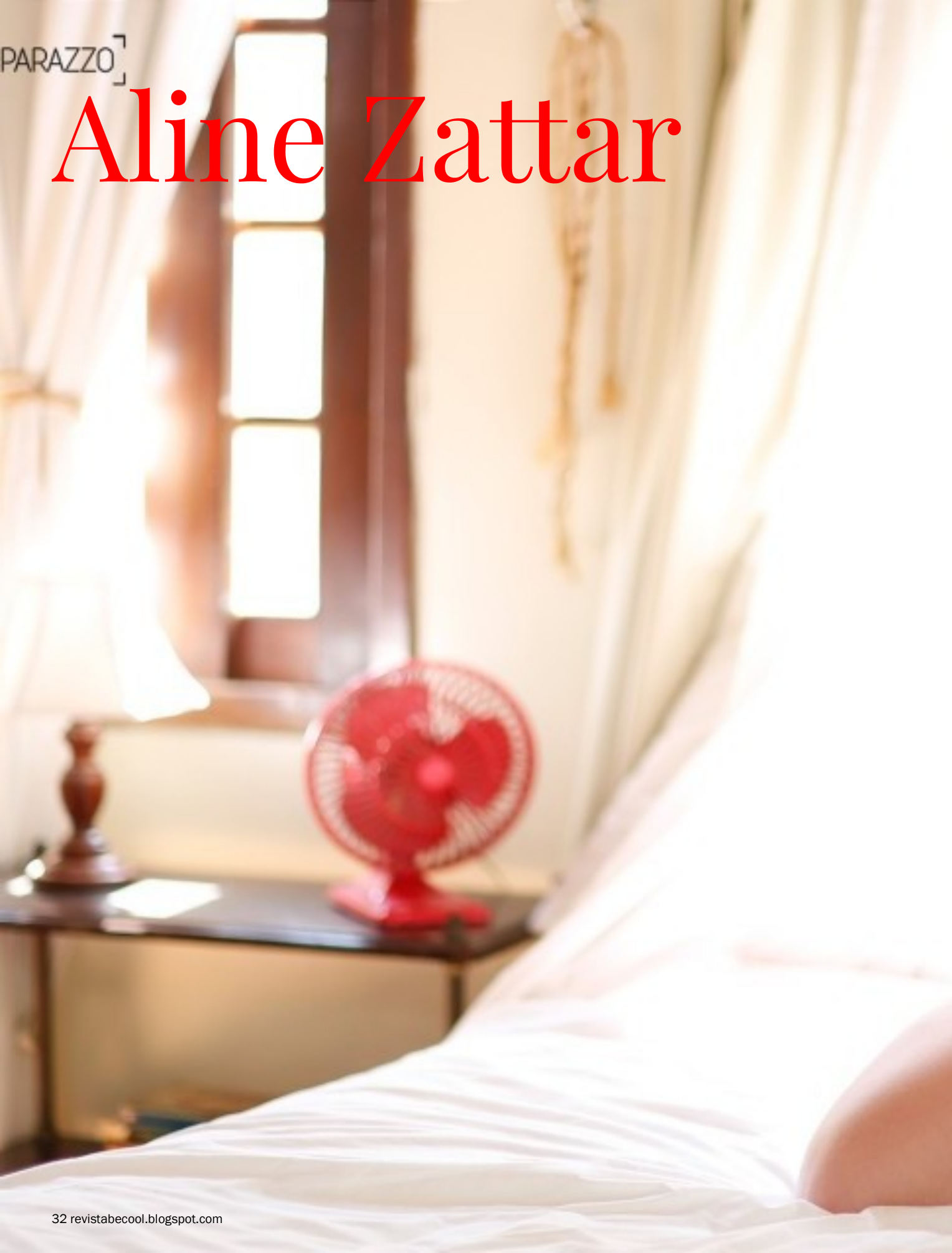
Há limites com o que você pode fazer com política monetária. Precisamos de mais políticas e reformas fiscais. Inflação pode ser importante em alguns casos para distribuir renda, mas muitas vezes não têm funcionado. O Brasil paga muito mais em juros do que está colocando no Bolsa Família. Se você realmente quer distribuir riqueza e limitar o acúmulo e concentração de capital, é necessário um sistema mais progressivo. Para mim, os impostos progressivos sobre riquezas privadas são uma forma civilizada de inflação. A inflação geralmente pune cidadãos com pouco dinheiro em suas contas bancárias.

Qual a sua visão sobre o sistema de Bretton Woods hoje e qual o potencial do banco dos Brics, recém-criado?

Precisamos de um sistema multipolar e faz sentido uma instituição coordenada pelos Brics. Também acredito que esse sistema deveria envolver uma Europa mais forte e o fortalecimento do Euro. Não é bom ter apenas dois países hegemônicos. O poder do dólar é bom para os Estados Unidos, mas não para o resto do mundo. Especialmente pelo sistema legal por trás do dólar. Recentemente, a Argentina teve de pagar uma dívida bilionária da noite para o dia. Na França, o maior banco, o BNP Paribas, foi subitamente acionado a pagar uma multa enorme pelo sistema judicial norte-americano. Isso é errado. Nós todos nos beneficiaríamos de um sistema multipolar, com alternativas. Se você não está feliz com o dólar e o sistema jurídico por trás da moeda, você deve poder recorrer a outros sistemas. ■

PARAZZO

Aline Zattar











[PAPARAZZO]













Você compete secretamente com sua parceira?

Às vezes, sem nos darmos conta, em vez de torcer pela nossa companheira estamos travando uma disputa confidencial com ela – e claro que isso não dá certo.

Por NATHALI MACEDO



Temos uma cesta de revistas no canto da sala. Tem as minhas revistas de moda (porque dá para gostar de moda e não ser fútil!) e as revistas de áudio e fotografia dele.

Sempre gostei que as minhas revistas de moda ficassem por cima – como se isso importasse tanto assim, né? Sei lá, achava que deixava a sala mais feminina.



Vez ou outra eu mexia na cesta de revistas e colocava as minhas gloss à vista, enfiando as revistas com microfones na capa embaixo de todas as outras. Eventualmente as encontrava à vista de novo, até que desisti.

Graças a essa minha encenação tão patética quanto secreta (porque jamais revelei a ninguém), refleti, ruborizando em frente ao espelho, sobre aqueles relacionamentos em que as pessoas vivem tentando colocar as suas revistas por cima, em todas as situações.

Relações que mais parecem olimpíadas do que casamento, em que um precisa ganhar mais, ter mais amigos, ser mais querido, mais inteligente, mais bonito, mais viajado. Em que um nunca vibra pelo outro (a menos que a vitória do outro seja menor que a própria vitória).

Relacionamentos deste tipo me assustam porque não dá para conceber uma relação competitiva em que haja apoio mútuo, em que um torça pelo outro, apoie, dê força.

Porque, por uma lógica simples, ou a gente torce ou a gente compete. Não dá pra ter os dois.

E se você não torce, não vibra, não apoia, não chega junto... Você não ama.

Pode até gostar um pouquinho, querer estar perto, ser perdidamente apaixonado e etc, mas amor não.

O amor não dá espaço para competições de almas pequenas. O amor é espaçoso, toma o lugar do rancor, da mágoa, da competitividade. Não sobra espaço.

O meu amor não compete. Ele assiste, aplaude, vibra. Misturei as revistas na cesta. Algumas manequins maquiadas misturadas às matérias sobre acústica.

Depois de uma longa reflexão sobre amor e revistas de moda, eu respirei aliviada: eu realmente só queria uma sala mais clean.

■



Ou a gente torce
ou a gente compete.



Inimigo secreto



Tem gente que tem pavor de barata, tem gente que tem medo de sair à rua. Tem gente que tem medo de cachorro (o dono dessa revista, por exemplo), de elevador, de germes e até de Internet. Eu tenho pavor de festas de amigo secreto.

Nada contra a festa. É legal ganhar presentes e faz bem dar presentes aos outros. Mas é uma sucessão tão grande de coisas pavorosas pra mim que eu acabo entrando em curto logo que marcam a data da festa.

Nas escolas em que eu estudei, era sempre o aluno mais engajado da turma que marcava a festa. Saía pedindo o nome das pessoas e anotando num caderninho. Eu gelava. Quando o aluno engajado começava a passar de mesa em mesa eu ficava meio encabulada. Então lembrava da data. Se estivéssemos no fim de novembro era certo que eu ia gelar só de lembrar de toda a sucessão de eventos que ocorreria. Pensava: desta vez eu vou recusar. Aí vinha o aluno e eu ficava com vergonha de recusar. Dava meu nome. E gelava.

Já começava a pensar quem eu ia tirar. Ia ser a mina do fundo que se achava a mais bonita do mundo? Ou a da frente que se achava a mais inteligente? O ar de superioridade sempre me enojou. E se fosse o nerd de quem eu colava? O aluno engajado propriamente dito? Aquele palhaço que fazia piada com meu nome e sobrenome? O "gatinho" da turma, que todos queriam tirar menos eu?

Imaginava. Gelava. Chegava o dia de tirar o papelzinho. Vinha o nome. Quase sempre era uma pessoa com quem eu não tinha o

menor contato na turma. Ficava aliviada por não ser o "gatinho", mas depois gelava de novo.

Nas poucas vezes que eu tirei pessoas mais próximas foi mais fácil. Ainda assim, tive um problema quando dei um relógio a um amigo meu e ele quebrou um tempo depois. Fiquei com medo dele cortar contatos comigo, mas acabou dando tudo certo. Ufa!

Chegava então o mural. O mural está para o amigo secreto tal qual a cartilha ideológica para os leitores da Veja. Não pode fugir, não pode se esconder. O que está ali é a lei! E descumprir a lei pode resultar em consequências gravíssimas.

Escrevia o que queria ganhar e gelava. Quem garante que a lei será cumprida comigo? Olhava então o que tinha pedido a pessoa que tirei, esperando do fundo do coração que estivesse ao meu alcance comprar. Só deixou de acontecer uma vez e eu tive que rebolar pra conseguir agradá-lo. Gelava de novo.

A lei era clara, mas cumprir a lei é sempre algo que requer um esforço contínuo. Era anotar o pedido e correr atrás. Ele queria uma mochila? Bora comprar uma. E lá estava eu correndo indo de loja em loja em busca de uma. Queria um relógio? Uma camiseta? Uma sandália? Bora ir atrás do que foi pedido. Não que seja um problema comprar, mas a correria me fazia gelar.

Passada a correria, era esperar o grande dia. E entrar em curto total. Na hora não tem muito o que fazer: é sentar e ficar de olhos e ouvidos atentos pra quando chamarem seu nome. Sorteavam o primeiro: "O meu amigo secreto é alguém com quem eu não conversei muito"... É um discurso usado por 90% dos participantes. Sempre cogitava poderia ser eu.

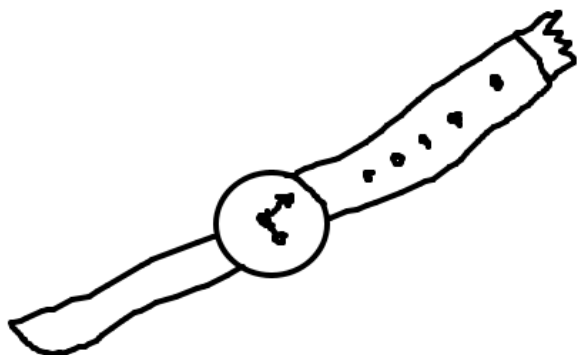
"Ela é meio gordinha e não muito alta". Alguém sopra: é a Letícia. Não era. "Ela gosta muito de ler". Marina? Não. "Ela tem ideias muito próprias sobre política". É a Mônica? Claro que era! E eu ia pra frente receber, na maioria das vezes, um livro (foi isso que eu pedi a maior parte das vezes).

A tortura vai chegando ao fim. Descrevo a pessoa que tirei e saí ruim a vida toda. São uns cinco ou 10 minutos até alguém acertar. E a pessoa vem, recebe o presente, gosta e toma meu lugar. E eu, depois de tanto gelar, respiro aliviada.

Sou hoje bastante desencanada desse espírito de dar valor às coisas materiais no fim de ano. Mas isso é porque desde a ETEC que eu não participo mais de amigo secreto. Na BECOOL nem tem gente o suficiente pra isso, pra minha sorte. E quando tiver. Nem me fala que aí eu gelo...

MÔNICA DE SOUZA é baranga com orgulho e não tem emprego. Usa esta coluna pra falar mal dos outros.

Em cima da hora



Andei procurando feito um louco uma correntinha de couro para o meu relógio dos cosmonautas soviéticos. A minha puiu, fui de shopping em shopping e nada. Já tinha desistido, resolvido a andar com o relógio no bolso, já que não tinha correntinha de couro para ficar no meu pulso.

Andando por uma ruela da Lapa vi, de longe, uma placa esmaltada com os dizeres: “Trocamos bateria de todos os tipos de relógio”. Pensei com os meus botões: Se trocam bateria de todos os tipos de relógio, quem sabe não trabalham também com correntinhas de couro para todo tipo de relógio, inclusive o dos cosmonautas soviéticos?

Atravessei a rua, entrei na lojinha, uma lojinha bem simples. Tinha apenas um balcão meio vitrine, de madeira maciça e vidro, quatro relógios cuco dependurados na parede, todos funcionando, mas cada um marcando uma hora diferente.

Atrás do balcão, Seu Odair, 82 anos, o relojoeiro. Tirei meu relógio do bolso e mostrei a ele. Pegou, olhou de um lado, do outro, examinou bem e comentou:

- Relógio de qualidade.

Quando comecei a perguntar se tinha a correntinha de couro, ele já estava abrindo uma enorme gaveta embutida no balcão. Um espanto! Naquela gaveta tinha todo tipo de correntinha, inclusive a de couro que tanto procurava. Ele ainda perguntou de que cor eu queria. Tinha marrom e azul. Preferi a marrom, um marrom bem escuro.

Seu Odair buscou um monóculo meio lupa que só relojoeiro tem e começou a examinar o maquinário. Foi assim que ele chamou

aquelas pecinhas minúsculas no interior do meu relógio. Limpou, trocou a bateria, fechou e colocou a correntinha de couro. Ainda pegou uma flanelinha e fez uma limpeza, deixando o danado novinho em folha.

Por tudo isso paguei 30 reais. Perguntei quanto tempo tinha aquela lojinha ali na Lapa e ele foi logo respondendo:

- Quarenta e cinco anos!

E completou:

- Mas estou fechando.

Perguntei porque estava fechando aquela simpática lojinha de relógios que tinha, inclusive, uma correntinha do tamanho certinho para o relógio dos cosmonautas soviéticos. Ele brincou:

- Devido ao adiantado da idade.

Foi aí que ele me confessou seus 82 anos de idade que carregava nas costas. Disse que já estava na hora de se aposentar, não sei se fazendo um trocadilho. E disse que estava fechando o comércio, principalmente porque ninguém mais quer usar relógio de pulso.

- Todo mundo hoje olha as horas no celular.

Brinquei com ele que eu era um especialista em coisas do tipo o mundo acabou e comecei a enumerar o que me veio na cabeça e que tinha desaparecido do mapa.

O lenço de pano, a TV em preto e branco, a caneta tinteiro, o mata-borrão, a máquina de escrever, o telefone de disco, a rádio, o bambolê, o pega-varetas, o baralho do Mico Preto, a ficha da Telesp, o envelope verde e amarelo e por aí fui.

Seu Odair arregalou os olhos azuis e o papo foi longe, nem preciso dizer aqui. Perguntei a ele o que iria fazer com aqueles quatro relógios cuco na parede e ele me confessou que já tinha vendido para um antiquário. Não só os quatro cucos mas tudo que ainda restava na loja, inclusive um relógio de bolso que foi do seu pai e que ele guardava numa caixinha, não no bolso.

- Tenho medo de sair com ele na rua e ser assaltado.

Confessei a ele que se soubesse, e se ele ainda não tivesse vendido os cucos, juntaria todas as minhas economias para arrematar um daqueles que estava na parede, talvez aquele que quando fui me despedir do Seu Odair, abriu a portinha e o passarinho cantou como se fosse uma hora.

- Cuco!

Na verdade, já eram mais de cinco horas da tarde.

CHARGE

Google admite que não respeita a privacidade do seu e-mail



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: El Hombre, CartaCapital, YouTube, Adorocinema, Paparazzo. Esporte Fino, Livraria Saraiva, Guia da Semana, Veja São Paulo, Folha de S.Paulo e Depois dos Quinze.

MAIS
+

REVISTAS

BECool é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

50 revistabecool.blogspot.com

LEIA TAMBÉM



Inscriva-se

issuu.com/dddgilvan

[youtube.com/user/revistabecool](https://www.youtube.com/user/revistabecool)

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

